

RESENHAS

LETRAS RIO-GRANDENSES — 2ª Série

A direção do IEL 1987-1990, da profª Drª Regina Zilberman, continua a coletânea de Letras Rio Grandenses, na 1ª série foram publicadas: *Corpo Santo*, de Guilherme no César; Raul Bopp, de Lígia Marrone Averbuck; Alcides Maya, de Léa Sílvia dos Santos Masina; Eduardo Guimarães, de Donald Schüler; Álvaro Moreyra, de Regina Zilberman; Érico Veríssimo, de Sergius Gonzaga; Simões Lopes Neto, de Flávio Loureiro Chaves; Augusto Meyer, de Tania Franco Carvalhal; Lilla Ripoll, de Maria da Glória Bordini; Dyonello Machado, de Antônio Hohlfeldt.

A 2ª série foi inaugurada por Lobo da Costa, de Alice Campos Moreira e Darcy Azambuja, de Carlos Alexandre Baumgarten.

É notável o trabalho desenvolvido por Alice Campos Moreira no opúsculo em homenagem a Lobo da Costa e na fixação do texto poético do imortal veste pelotense. Há uma estranha e feliz coincidência: a autora do livro sobre Francisco Lobo da Costa é natural de Encruzilhada, terra que foi berço de Darcy Azambuja, o segundo nome da série.

O valor destas publicações é muito grande pois fornece uma substancial notícia sobre a vida e a obra do autor e uma resenha crítica além de excertos selecionados.

O professor de 1º e 2º graus tem aí fonte preciosa para iniciar os alunos na história literária do Rio Grande. As bibliotecas escolares têm aí precioso material de consulta para os leitores: alunos e mestres.

Importa dedicar-se cada vez mais na coleta, no estudo de valores literários da terra gaúcha, para que possamos amá-la com todas as veras da alma. O amor à nossa terra e à nossa gente incentivará a busca de soluções para os problemas do presente e para a consolidação dos projetos de um Rio Grande maior e melhor.

Ir. Elvo Clemente

AIMARD, Paule (1986). *A linguagem da criança*. Trad. de Francisco Vidal. Porto Alegre, Artes Médicas. 128p.

A tradução do livro de Paule Aimard, *A linguagem da criança*, veio enriquecer, sem dúvida, a área de aquisição da linguagem, que contava, até o momento, com apenas dois outros livros em português (o de Menyuk (1975) e de Elliot (1982).

Vinte anos de prática de psicopatologia infantil, orientada para a patologia da linguagem da criança, convenceram a autora de que não se pode vislumbrar qualquer progresso de nossos conhecimentos se continuarmos a separar teoria e prática. Ainda que

se trata de uma idéia que muita gente compartilha, o livro em questão pretende servir de ponte entre os que pensam e os que praticam, "os que fazem teorias e os utilizadores potenciais destas teorias".

O livro contém uma introdução, seis capítulos, uma abertura ou conclusão (?) e uma bibliografia acrescida de sete indicações de publicações coletivas de Congressos.

Na introdução intitulada "Das teorias e das práticas", Aimard esclarece que a redação do livro constitui a sugestão de um esforço de síntese de teses, teorias ou interpretações provenientes de vários horizontes. Por isso, os riscos do empreendimento são múltiplos. Afinal, o tema interessa a todos, de um modo geral, ainda que nem todos se interessem pelos mesmos problemas: aos pais (em primeiro lugar, claro), pedagogos, lingüistas, psicólogos, neurofisiólogos e neuropsicólogos, bem como aos "audiólogos", "neurólogos", enfim, aos reeducadores de diferentes formações.

Um critério fundamental (da "oposição teórico-prática") separa as disciplinas da linguagem em duas categorias. Certas disciplinas, por exemplo, lembra a autora, têm uma vocação essencialmente teórica. Outras, foram confiadas aos práticos, aos clínicos. Entre ambos, teóricos e clínicos, acaba existindo um fosso. É isto incomoda a autora, que busca uma saída para resolver o impasse. A apresentação adotada, então, propõe um vaivém entre dados teóricos e práticos que interferem e se completam. Entre a aquisição da linguagem e as perturbações da linguagem.

É com este espírito que foi delimitado o assunto e construído o encadeamento dos capítulos.

No cap. 1, "Pontos de vista sobre a linguagem", Paule Aimard destaca, inicialmente, a postura de Chomsky. Chomsky defende o ponto de vista de que a rapidez das aquisições lingüísticas da criança pequena não se explica por aprendizagem, só pela emergência de estruturas pré-formadas. Dessa forma, a aptidão para adquirir estruturas de linguagem — o dispositivo inato da linguagem — está inscrita no potencial genético, possibilitando à criança a aquisição da sua gramática, pelo estabelecimento de um sistema de propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas.

O ponto de vista neurofisiológico, de certa forma, sustenta a posição inatista de Chomsky. A neurofisiologia mostra como os territórios cerebrais da linguagem, ligados por vasta rede de associações, formam um sistema complexo. Mostra também como a aquisição da linguagem está ligada aos fenômenos de maturação e plasticidade do sistema nervoso central. A autora conclui sua explicação somando o ponto de vista de Lenneberg, segundo o qual "a linguagem é um caso particular de um problema biológico".

A autora destaca, em seguida, a atenção da psicanálise para com o desenvolvimento da linguagem, pela relação existente entre linguagem e inconsciente. Seu interesse está centrado no fato de que no jogo do dito e do não dito, dos entendidos e subentendidos onde se podem perceber sinais antes inacessíveis. A psicanálise, considerando linguagem tudo o que pode ser tratado como um sistema de sinais — linguagem do corpo, linguagem dos gestos, reconhece, no entanto, ser impossível aplicar os mesmos conceitos estruturais a tão diferentes fenômenos. Além da "linguagem que comunica outra coisa", a psicanálise se propõe a estudar outros temas como, por exemplo, as relações entre linguagem e ilusão.

A concepção dos pesquisadores de Genebra apresenta algumas divergências da concepção inatista de Chomsky, bem como em relação à programação biológica defendida por Lenneberg. Na teoria original de Piaget, a linguagem aparece como uma manifestação, entre outras, da função simbólica. Para Chomsky, os universais lingüísticos inatos determinam a emergência da linguagem. Hermine Sinclair (apud Aimard) defende o ponto de vista de que os universais cognitivos são tão determinantes quanto os lingüísticos.

Segundo o ponto de vista comportamentista, os modelos comportamentais se inscrevem na linha do behaviorismo ou comportamentismo americano introduzida por Watson (1913). Estudar a linguagem, nesse caso, significa analisar os hábitos verbais individuais, seguindo o "esquema Estímulo-Resposta". A retomada deste esquema por B.F. Skinner acarretou violentas polémicas, lembra Aimard.

O ponto de vista da comunicologia considera que os comportamentos de comunicação não se limitam à comunicação verbal. Ele defende o princípio de que o bebê e sua mãe trocam informações (olhares, sorrisos...) bem antes de trocar palavras.

Por fim, a autora destaca que, além das contribuições de Chomsky, Lenneberg, Piaget e Hermine Sinclair, entre outros, merecem ser citadas as que têm sido trazidas pelos pesquisadores soviéticos (Vygotsky, Luria e Leontiev).

Depois de evidenciar as principais linhas teóricas sobre a aquisição da linguagem, a autora, no cap. 2, "Aquisição da linguagem", trata desse processo sob o ponto de vista evolutivo. Múltiplos fenômenos atuam em conjunto na aquisição, tais como a percepção, a compreensão, a produção. Além disso, os diferentes processos de aquisição não podem ser isolados artificialmente da comunicação, do desenvolvimento global e do contexto.

Na breve apresentação do assunto, Aimard caracteriza o período pré-lingüístico, o aparecimento das primeiras palavras, a holófrase e as condições de aparecimento das formações subseqüentes. Depois, faz algumas interpretações para essas aprendizagens, conforme se classificam em categorias fonológicas, lexicais, morfológicas e sintáticas. Completando esse resumo sobre a evolução da linguagem, Aimard passa a considerar os processos gerais que a regem e as funções que a linguagem desempenha no desenvolvimento da criança. Dessa forma, caracteriza como processo de aquisição as estratégias de aprendizagem que permitem à criança estabelecer regras, padronizar, assinalar semelhanças e diferenças, identificar o regular e o variável, através de imitação, repetição, compreensão e produção.

Após indicar as estratégias envolvidas no processo global de aquisição, o último tópico discutido pela autora diz respeito às diferentes funções que a linguagem desempenha na vida da criança. Aimard conclui o capítulo lembrando que determinadas intervenções do adulto, como encorajamentos, comentários e julgamentos positivos, repetições reforçam as funções de linguagem e estimulam a comunicação. Já as intervenções como ordens, julgamentos negativos, renovações, críticas põem fim à comunicação, ou seja, não têm qualquer funcionalidade lingüística para a criança.

O cap. 3, "As estruturas que abrangem a informação", apresenta os órgãos, vias de transmissão, territórios cerebrais, que desempenham um papel na recepção, emissão e tratamento das informações verbais. Afinal, questiona a autora: "que se sabe do itinerário que traçam as mensagens verbais no organismo?"

A partir de um exemplo escolhido por sua relativa banalidade, no cap. 4, "Em busca de explicações", a autora procura mostrar que "encarregar-se de uma criança é muito mais que corrigir as conseqüências de um defeito preciso". A linguagem se inscreve em um sistema interacional que tem características próprias para cada um. É dentro deste sistema de funcionamento complexo que a linguagem e os comportamentos do adulto permitem à criança construir sua linguagem.

No cap. 5, "As perturbações da linguagem da criança", Aimard tenta sensibilizar o leitor ao considerar que raramente se pode reduzir o problema de uma criança a uma equação simples ou abordar suas dificuldades de maneira completamente esquemática. É preciso analisar em sua diversidade e sua simultaneidade os diferentes elementos que interferem numa mesma criança, adverte a autora. Assim, prossegue, a abordagem das perturbações da linguagem da criança, na prática corrente, implica que se leve em conta: a) seu modo de aparição; b) seu aspecto clínico ou sintomático; c) sua etiologia.

No último capítulo (cap. 6), "Que se pode fazer", a autora lança seu apelo em direção aos adultos, com o intuito de mostrar-lhes o papel que eles podem desempenhar junto à criança, tanto a nível de "prevenção, detecção", quanto em termos de "ajuda": diferentes terapias ou pedagogia da linguagem.

Enfim, na "Abertura ou conclusão?", Aimard esclarece que "nenhuma conclusão pode encerrar este livro", uma vez que ele trata de um tema em plena elaboração e por que não dizer em "plena ebulição". No estado atual das reflexões e confrontações, acrescenta a autora, uma coisa é certa — "o território da linguagem é comum a diversas disciplinas". Os progressos alcançados, até agora, podem causar satisfação, porém, o caminho que fica para ser explorado é certamente muito mais impressionante. "Quem souber tudo sobre a linguagem, tudo saberá sobre o homem".

Lélia Erbolato Melo

Departamento de Linguística — FFLCH/USP

LLOSA, Vargas. *Elogio à madrastra*.

Três personagens apenas: Dom Rigoberto, o pai, Lucrécia, a madrastra, e Fonchito, o enteado. De coadjuvante, Justita, a empregada. Não é preciso mais para Vargas Llosa nos dar um grande romance onde o erotismo emana de cada página. Uma leitura que flui com a mesma vivacidade com que as personagens se entregam ao jogo amoroso.

Tudo começa com um bilhete de Fonchito à madrastra, cumprimentando-a pelos seus quarenta anos, declarando sua amizade. Eram as palavras mais esperadas por Lucrécia, sinal de que não era rejeitada pelo enteado, o que mais temia. Começa então o jogo de conquista de Fonchito, misto de anjo e cupido, alternando uma ingenuidade convincente com uma precoce curiosidade sexual. Com o tempo, o melhor presente de aniversário de Lucrécia revela-se ser o começo de sua perdição. O ardor com que ela se lança nos braços de Dom Rigoberto, após excitar-se com os beijos ambíguos de Fonchito, lhe dá um duplo prazer, sem sombra de pecado, porque ela acredita nos bons sentimentos da criança. Fonchito não tem uma idade definida, adquirindo uma mobilidade fora do comum a cada diálogo que trava com Lucrécia, deixando-a desorientada com suas declarações intempestivas.

Mas é Dom Rigoberto quem dá a Vargas Llosa margem para criar um de seus melhores personagens. É ele o homem metódico das abluções noturnas demoradas, cheio de cuidados excessivos com o corpo, adiando sempre a sua entrega aos desmandos do tempo. São páginas onde somente um escritor de talento é capaz de desafiar o grotesco sem cair nele um só momento. E vemos um Dom Rigoberto cuidando meticulosamente, em dias específicos da semana, de cada parte do seu corpo. O rigor com que escova os dentes, usa o fio dental, limpa orelhas e nariz é o mesmo que usa na cama com Lucrécia. E a atenção que dá a cada movimento de seu corpo atinge o seu ponto culminante no capítulo VI, quando o vemos em situações ditas menos nobres:

Dom Rigoberto entrecerrou os olhos e forcejou, não muito forte. Não era preciso mais: sentiu na hora a cócega benfazeja no reto e a sensação de que, ali dentro, nos vazios do baixo-ventre, algo submisso dispunha-se a partir e rumeava já por aquela porta de saída que, para facilitar-lhe a saída, alargava-se.

E mais adiante:

Não se devia ir empurrando, mas guiando, acompanhando, escoltando graciosamente o deslizar dos óbolos até a porta de saída. Dom Rigoberto voltou a suspirar, os cinco sentidos absortos no que ocorria dentro de seu corpo. Quase podia ver o espetáculo: aquelas expansões e retrações, esses sucos e massas em ação, todos eles na tibia treva corporal (...).

O que logo chama a atenção neste romance de Llosa é a exaltação do corpo, seja qual for a situação vivida. Ele é espetáculo sem culpa em todos os momentos do cotidiano, erotizado. Lucrécia, por exemplo, não se envergonha de sentir a alegria de ter um corpo bem acordado para todos os prazeres, mesmo que estes provenham do simples tocar de lábios de Fonchito. Por viver seu corpo dessa forma, em entrega constante, é que vai sendo pouco a pouco arrastada para caminhos imprevistos. Lucrécia é fulgurante, tal uma figura de Rubens. E não é à toa que *Elogio à madrastra* alterna os capítulos da fábula com descrições de seis quadros bem selecionados de acordo com o tema, que vão de *Jordaens a Francis Bacon*. O que pode parecer a princípio incompreensível, essa interrupção da estória, ao final se revela de uma extraordinária precisão.

Mas *Elogio à madrastra* não pode ser tomado apenas com o jogo de conquista armado por Fonchito para sua madrastra a fim de um dia vê-la longe dali. O romance é sobretudo a armadilha de uma linguagem sedutora em sua ambigüidade. E é isso que tanto excita e atrai Lucrécia, tanto quanto a nós leitores. A imprecisão dos atos de Fonchito, seu ar entre tímido e ousado, sem saber bem onde situá-lo, arrasta a bem vivida Lucrécia. Ela é vítima do sortilégio da linguagem de Fonchito cujos gestos e palavras abrem ao impreciso, a fenda por onde ela cairá em busca do sentido exato que nunca lhe será dado. O interessante é que o menino usa a mesma tática em sua denúncia ao pai, e o que aos ouvidos de Lucrécia soava como sedução, aos ouvidos de Dom Rigoberto soa como suspeita. E ele termina por expulsá-la de sua casa como perversora do filho.

Mas a ação de Fonchito não termina aí. Ele segue em seu papel de Eros, agora vitorioso e sem nenhum remorso, como ele confessa com a mesma ingenuidade a Justiça. E, no beijo de despedida de boa-noite que ele lhe dá, ela sente a mesma indecisão de Lucrécia do significado daqueles lábios ainda tenros grudados nos seus tão demoradamente. É o começo de uma nova sedução de Fonchito, tão seguro de sua ação. Sedução da qual nós leitores também não escapamos, envolvidos que somos do princípio ao fim pela linguagem de Vargas Llosa. Puro prazer.

Antonio Carlos Viana

BOTELHO, Fernanda. *Esta noite sonhei com Brueghel*.

Fernanda Botelho é uma escritora portuguesa pouco divulgada entre nós. Infelizmente. Porque se trata de uma das grandes prosadoras da atualidade que vem trabalhando desde 1951, tendo já publicado oito romances e um livro de poesias. É sobre o seu último trabalho, *Esta noite sonhei com Brueghel* (Editora Contexto, Lisboa, 1988), que queremos tecer algumas considerações.

Entre este e seu penúltimo livro, *Lourenço é nome de jogral*, se passaram quinze anos, conforme informação da contracapa. Mas valeu a espera. Dela conhecíamos apenas

Xerazade e os outros (1964), livro marcante pela sua forma narrativa, de grande complexidade. É bom dizer de antemão que sua literatura não é uma literatura fácil e, ao leitor desprevenido, vale a advertência: não procurar em Fernanda Botelho a contadora de estórias cheias de peripécias, porque sua matéria é a linguagem e suas sutilezas da qual tira um grande lirismo. O trecho narrativo é apenas um fio muito tênue que lhe dá acesso ao universo feminino. Nada lhe escapa: desde o menor gesto como o de levar um bocadinho de doce à boca até as transformações interiores. O leitor que se interessa apenas por uma estória com princípio, meio e fim, fatalmente desistirá no primeiro capítulo de *Esta noite sonhei com Brueghel*.

Este romance é, pois, para ser lido e degustado lentamente como lento é o desenrolar da vida monótona de Luíza, perdida entre dois casamentos e um amante à porta. A estória é praticamente isso, mas o dedo de Fernanda Botelho é capaz de criar situações tensas a partir de um nada: pequenas viagens, jantares sociais, excursões, congressos e daí por diante. Disso tudo nasce o tédio de que é acometida Luíza. Mas não se pense que estamos diante de um daqueles romances de atmosfera sufocante. A sua marca principal é o lirismo tirado das coisas mais banais aliado a uma forma perfeita, circular, onde o fim do romance se encadeia com seu primeiro capítulo.

Esta noite sonhei com Brueghel é um romance dentro de outro, que Luíza anuncia que vai escrever, ou melhor, retomar, um manuscrito de doze anos atrás:

Comecei-o há doze anos, em Bruxelas. De um jacto quase. Uns tempos depois, deixei de lhe pegar. Foi uma fase da minha vida muito intensa, não sei se hoje insuportável, se maravilhosa, bastava-me viver. Agora recomecei. Talvez nunca o acabe. Quando voltei a ler o que há doze anos escrevi... Pareceu-me tão irresponsável! Uma brincadeira de mulherzinha ociosa. (p.11)

E a partir do segundo capítulo o que temos à frente é esse manuscrito onde um narrador em terceira pessoa cede sem querer a voz a uma primeira pessoa que se impõe, quebrando assim todo distanciamento entre o vivido e o reescrito. Ao chegarmos ao último capítulo, "Fim do manuscrito, 1984", temos diante de nós a vida de Luíza que se imbrica com a situação que ela está vivendo no momento inicial do romance. Só então tudo se esclarece e, se não refizermos a leitura do primeiro capítulo, nada entenderemos. E vamos compreender agora por que tanta esperança depositada por ela na literatura:

Sento-me à escrivãzinha, no querido quarto dos dias felizes e, mais tarde, quarto dos outros, os dias de minha desmedida solidão no desaforo de um exílio sem regresso à vista, e escrevo, escrevo, escrevo. (p.181)

Escrever para ela é algo tão urgente, tão necessário, que chega a sentir vontade de fundir-se com a esferográfica (motivo recorrente no texto). E assim ela vai tecendo por entre lembranças de sua vida com Rui, o primeiro marido, com Diogo, o segundo, o fio romanesco com que pretende costurar os fatos que sempre lhe deram a sensação de ser um ser descontínuo. O que ela quer é captar a continuidade do fluxo da vida, os pontos nodais de um sentimento em relação a um outro que se lhe contrapõe, visto que há um tempo clandestino das emoções que não pode ser medido pelo tempo exterior, necessitando, portanto, de um mergulho profundo. Foi entre coquetéis, congressos e

viagens do marido médico que Luíza se perdeu sem que o pressentisse. E quando vê de tarde demais, os sentimentos são outros, as pessoas são outras, e ela é apenas uma mulher sem qualificação alguma para enfrentar a vida e a si mesma. É neste momento que a literatura lhe estende a tábua de salvação, porque ela está numa situação em que nem um amante resolve.

O título tão sugestivo do romance tem muito a ver com tudo isso, pois foi após uma visita ao museu de Antuérpia onde ela viu um quadro de Brueghel que sua vida começou a soçobrar. Junte-se à atmosfera de Brueghel, impregnada de um certo sentimento trágico e também assustador, o encontro com um jovem que é o oposto de sua vida convencional. Depois disso Luíza não é mais a mesma e sua vida burguesa, dentro dos padrões mais conservadores, rui completamente. O sonho com Brueghel a que ninguém dá trela quando ela quer contar é o divisor de águas de sua existência. A ela só resta guardar o segredo e transformá-lo em livro que deverá ser o oposto de seu cotidiano insípido.

Estou apenas a escrever uma coisa maravilhosa, tem de ser maravilhosa, nada pode ser mais maravilhoso, porque, se não for, a minha vida é um engano e eu não existo, como posso eu existir sem que tudo seja maravilhoso? É necessário que tanta e tão desastrosa veemência tenha um sentido. (p.82)

Essa é a esperança da personagem, porque Fernanda Botelho prefere deixá-la dentro de seu círculo, a serpente mordendo a própria cauda, dando-nos um romance cuja qualificação não pode ser outra que a dada por Luíza ao que está escrevendo.

Antonio Carlos Vianna

EDIPUCRS

Serviços gráficos executados pela
Escola Profissional Champagnat
Avenida Bento Gonçalves, 4080
Composição e Arte Final:
Supernova Editora Ltda.
Rua Gildo de Freitas, 162 - Fone 34-8129
Porto Alegre - RS

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA PUCRS

VERITAS

Revista de cultura geral – Trimestral

LETRAS DE HOJE

Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa – Trimestral

TEOCOMUNICAÇÃO

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins, órgão de comunicação do Instituto de Teologia – Trimestral

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana, do Curso de Pós-Graduação em História – Semestral

REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria – Trimestral

PSICO

Revista especializada em Psicologia – Semestral

DIREITO & JUSTIÇA

Revista da Faculdade de Direito – Sem periodicidade

EDUCAÇÃO

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação – Semestral

ODONTO CIÊNCIA

Revista da Faculdade de Odontologia – Semestral

PUCRS – INFORMAÇÃO

Boletim informativo – Bimestral

AGENDA PUCRS

Boletim informativo interno da PUCRS – Mensal

COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS

Sem periodicidade

MUNDO JOVEM

Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas – Mensal

ANÁLISE

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas – Semestral